

## A dor de quem perde uma pessoa que ama e o clamor por Justiça

Quase mil famílias em Alagoas já entraram para as estatísticas daqueles que foram vítimas da violência somente neste ano. Elas sofrem a dor da perda brusca de uma pessoa que amam. Fragilizadas pelo trauma da separação precoce, essas famílias clamam por Justiça e buscam na fé a superação deste trauma.

A estudante de Psicologia Valéria Ferreira, 20, é uma delas. Irmã do modelo Eric Ferreira, morto a tiros no dia 1º de janeiro deste ano com cinco tiros no tórax, a jovem classifica o crime como brutal e sem motivo.

**Este ano, quase mil famílias em Alagoas já entraram para as estatísticas de vítimas da violência**

"Meu irmão foi morto por nada. Ele estava na festa de Reveillon com a namorada quando o irmão de um policial começou a encará-la. O rapaz se aproximou do meu irmão acompanhado do policial. O policial deu um soco no Eric e o outro atirou no meu irmão.

Há uma testemunha que diz que viu o policial atirando contra o Eric. A gente sempre acha que a violência não nos alcança, mas a realidade se mostrou hoje. Nossa família está toda abalada e clamamos por Justiça", relata.

A morte do estudante de Geografia Johnny Pino, ocorrida em 25 de maio de 2008 ainda é uma ferida aberta no coração de sua família. Ele estava na garupa da moto de um amigo quando o rapaz furou um bloqueio policial nas proximidades da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), quando foi atingido por um tiro na nuca e morreu. I.F.

Famílias de vítimas de violência lembram de perda



### Irmão de vítima lembra triste desfecho de caso Trauma muda comportamento de famílias

Jhonathan Pino, irmão da vítima fatal, conta com tristeza o desfecho do caso, ou seja, o julgamento do militar acusado do crime. "O julgamento aconteceu em julho do ano passado. O policial foi condenado a um ano e quatro meses por homicídio culposo, que foi convertido a oito meses de serviço comunitário que consiste em assistir uma palestra por semana sobre drogas. Isso é Justiça?", pergunta.

"Johnny tinha 21 anos, era um rapaz cheio de planos, projetos. Ele estava em Maceió há apenas seis meses quando foi morto. Nascermos e fomos criados em União dos Palmares. Ele nunca se envolveu em problemas. Agora, esperamos a Justiça divina", acrescenta.

Ivete Acioli, avó do estudante Fábio Acioli, que sequestrado, espancado, morto e teve 70% do corpo carbonizado em agosto de 2009, esteve com a mãe do rapaz, Marilza Acioli, no plantio de árvores em memória das vítimas da violência na última quarta-feira no campus A.C. Simões.

"Para mim é como se eu sepultasse meu neto hoje de novo. As emoções vêm mais fortes. O tempo todo lembro o martírio que ele viveu. Foi uma morte trágica. Minha filha [Marilza, mãe de Fábio] morre dia a dia. A violência sempre existiu, mas este nível é inaceitável. Não temos condições sequer de dar uma volta na rua. É uma vergonha sermos o estado mais violento. Se não fosse o respeito e a fé na Justiça divina, pensaríamos

em fazer Justiça", critica.

A psicóloga Edilva Acioli, tia de Fábio Acioli, revela como a família está depois do crime. "Acaba com a vida da família inteira: pais, irmãos e avós são os mais atingidos. A vida da minha irmã e do meu cunhado acabou. Não temos alegria para comemorar aniversário, natal, nos confraternizar. Se fosse um acidente, uma morte natural até se conformava, mas é revoltante,

"O tempo todo lembro o martírio que ele viveu. Foi uma morte trágica. Minha filha morre dia a dia"

#### IVETE ACIOLI

Avó do estudante Fábio Acioli, que teve o corpo queimado em agosto de 2009

principalmente porque está impune".

Ana Maria de Araújo é mãe do adolescente João Renato, que foi morto no último dia 10, no Tabuleiro do Martins, na porta de casa. Ela também estava entre as 126 famílias que fizeram o plantio de árvores na Ufal, assim como a diretora da escola onde João Renato estudava e vários amigos do adolescente. Muito emocionada pela morte tão recente do filho, ela abraçava a muda e dizia: "Vou ver meu bebê nascer de novo. Se eles não deixaram meu filho completar 20, 30 anos, agora

vou ver e vou estar sempre aqui".

Catarina Tenório é mãe da estudante de Fisioterapia Giovanna Tenório, que há um ano foi sequestrada quando saía da faculdade assaltada e teve o corpo abandonado num canal. Bastante abatida, ela descreve a filha como uma jovem amável, carinhosa, simples, que amava a vida e era apaixonada por flores.

"Estamos caminhando porque nos apegamos a Deus. O apoio dos amigos através da oração também tem sido essencial. Estamos tristes e queremos que os criminosos sejam punidos. Não me conformo com a forma com que minha menina foi tirada de mim", enfatiza.

Simone Ferreira perdeu o filho, vítima de uma bala perdida, há sete anos. Israel Sampaio de Araújo Franco, o Rá, tinha 21 anos quando foi morto em janeiro de 2005. Ele esperava para entrar num show no Marques D'Latravéia, em Jaraguá, quando foi ferido fatalmente.

Claudiane Pimentel, irmã da professora Claudenice Oliveira Pimentel, assassinada no ano passado, crime do qual seu companheiro, o sargento da Polícia Militar José Cabral do Nascimento, é acusado, destaca que um ditado popular antigo. "Dizem que em briga de marido e mulher ninguém mete a colher. Esse ditado é maldito e eu me oponho. A sociedade tem que se meter nestas brigas, evitar os abusos. Não prego o feminismo, defendo vidas". I.F.

A psicóloga Sirleide Santana afirma que é comum as famílias apresentarem uma mudança de comportamento depois de uma situação traumática, como é o caso de assassinato.

"Este tipo de trauma pode afetar o trabalho, desencadear vícios (como alcoolismo ou dependência química, seja por remédios quanto por substâncias ilícitas), causar destruturação familiar, compulsões e depressão", acentua Sirleide Santana.

A psicóloga lembra que o assassinato é totalmente fora da programação que as pessoas fazem para sua vida e de seus entes queridos. "O ser humano entende que o ciclo da vida é nascer, amadurecer e depois morrer. Projetamos isso para nós, nossos companheiros e filhos: que vamos morrer na velhice. Quando há o assassinato há uma quebra, todo o caminho estabelecido pela família de forma consciente é destruída", avalia.

Ela ressalta que a violência traz um grande leque de situações. "Há pessoas que apresentam alterações psicossomáticas, começam a ter um medo muito grande, algumas síndromes (como a síndrome do pânico), agressividade, sentimento de vingança (muitas vezes em pessoas que nunca teve essa característica), solidão, além de um processo de punição, em que a pessoa fica se questionando: porque aconteceu comigo? Porque Deus permitiu? Quando na realidade a violência é algo muito maior,

que independe das decisões das vítimas", examina.

Sirleide ressalta que é necessário observar as crianças que pertencem a famílias que passaram por este tipo de trauma. "Há crianças que depois de um assassinato apresentam um comportamento agressivo em casa ou na escola e os pais não observam nem fazem um acompanhamento adequado. É preciso cuidar das crianças

"Há tantas pessoas fragilizadas pela violência que nossa sociedade está abalada"

#### SIRLEIDE SANTANA

Psicóloga sobre os efeitos da violência

para que não cresçam com essa agressividade, esse ódio. Muitas famílias ficam alimentando esse ódio na criança, dizendo reiteradas vezes que o pai, o tio ou irmão foi assassinado, que o criminoso devia morrer, que o crime não pode ficar sem resposta, o que é negativo para os pequenos, que crescem com este trauma", assinala.

Ela considera essencial que a sociedade lance um olhar diferente sobre essas pessoas que passaram pelo trauma de uma morte brutal na família e crie núcleos para

o acompanhamento de vítimas em escolas, nas universidades, em centros sociais. "Há tantas pessoas fragilizadas pela violência que nossa sociedade está abalada. É um conjunto de pessoas com sentimentos de ódio, de intolerância, de amargura, revolta: isso influencia nas relações sociais. Muitas doenças surgem justamente por esta situação. Depois desta ruptura brusca estas pessoas se sentem muito sós, quando passam a ser acompanhadas e receber um suporte psicológico se acolhidas, conhecem outras pessoas que passam pelo mesmo drama, abrem novas perspectivas, planos e projetos de vida. Os traumas precisam ser tratados", pondera.

"Existe a tristeza da perda, o sofrimento, para algumas famílias vem a depressão e um desequilíbrio, mas reestruturar é fundamental. É preciso resgatar o que ficou de positivo", complementa.

Sirleide acredita que as ações contra a violência e seus efeitos precisam acontecer de forma integrada. "Precisamos de iniciativas, só o debate e fazer policiamento isoladamente não adianta. Temos que levar as iniciativas e a discussão para as escolas, condomínios, igrejas, centros comunitários. Precisamos de ações não somente para coibir o criminoso de hoje, mas para prevenir, evitar que crianças sejam criadas com este trauma, esse ódio no coração e assim sejam os assassinos anos depois", enfatiza. I.F.